

## Jogos de boteco e suas disputas

Marcos Ribeiro das Neves

Desde que ingressei na rede municipal de São Paulo, em 2010, estranho o modo como é feita a seleção das práticas corporais que serão abordadas ao longo do ano letivo. No meu entender, trata-se de uma escolha muito difícil, envolve muitos fatores, é um ato político. Mas essa não é a impressão geral. Certa vez, a coordenadora pedagógica pediu que os professores de Educação Física fizessem uma lista para a compra de materiais pedagógicos. Ao entregar a minha solicitação, fui questionado pelo diretor sobre a escolha de determinados materiais, pois, enquanto meus colegas pareceram contemplar as práticas corporais hegemônicas ao listarem bolas de futsal, vôlei, basquete e handebol, eu relacionara jogos de baralho, dominó, mesa de sinuca, mesa de pebolim.

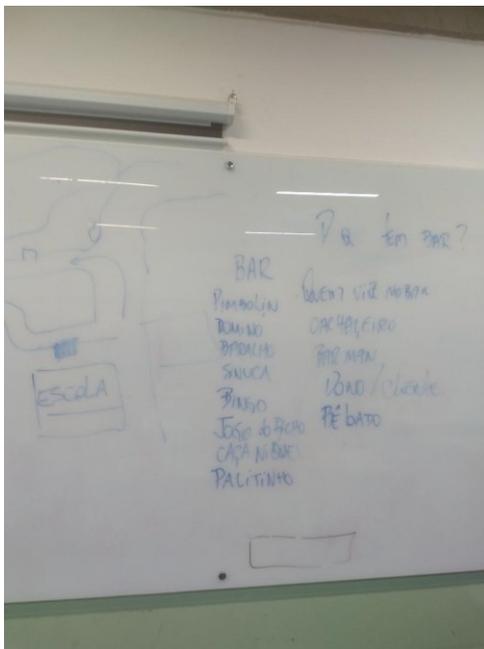
A aquisição de materiais pela rede municipal é um procedimento burocrático que leva ao contato com estabelecimentos que facilitam o trabalho ao apresentarem a documentação padronizada, o que reforça a perpetuação dos esportes de costume. Quando algo sai do “comum”, cabe ao docente justificar a necessidade. Naquela ocasião tive que apresentar as razões ao conselho de escola. Mesmo passando pelo crivo do colegiado, os materiais tardaram a chegar. Enquanto isso, em poucas semanas, as bolas estavam à disposição.

Voltando ao caso presente, é importante explicar que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Anna Silveira Pedreira está situada no Jardim São Luis, zona sul da cidade de São Paulo. Trata-se de uma região periférica, com pouca oferta de equipamentos públicos de lazer e abundância de bares que nos finais de semana concentram as pessoas interessadas em um pouco de diversão. Esses locais também são acessados pelos estudantes da escola, facilitando o contato com jogos variados como bicho, caça niqueis, pebolim, bingo, bilhar, sinuca e carteados.

O pai de uma estudante do 6º ano é proprietário de um bar que fica em outro bairro. “Professor, sei jogar sinuca, jogo do bicho, caça niqueis, tudo isso tem no bar do meu pai”. O que incomoda é saber que a vida da garota na escola é bem difícil. Vez por outra, a vejo chateada em algum canto. Ela é impedida de ir ao banheiro em horário de intervalo porque a sua imagem borra aquilo que as pessoas chamam de menina e menino. Ana é confundida como menino por alguns professores, além de sofrer diferentes tipos de violência dos colegas. Em função desse e de outros casos em que se constatam discursos e práticas preconceituosas, no

ano de 2023, o coletivo docente e a gestão definiram o estudo da interseccionalidade com ênfase nas questões de raça e gênero.

Munido de baralhos e dominós, dirigi-me ao 6º ano para iniciar os trabalhos. Desenhei na lousa um mapa com algumas ruas do bairro e pedi à turma que identificasse os bares da região e quais práticas corporais acontecem nesses locais. Muitos não entenderam a relação do pedido com as aulas de Educação Física.



Ao destacar um estabelecimento em específico, alguns estudantes se manifestaram: “tem sinuca, tem jogo de carta, vicia, tem pinguço. Professor, por que eles jogam isso?” Lancei algumas perguntas sobre o boteco em questão, despertando a curiosidade daqueles que desconheciam o seu interior ou ainda não haviam se dado conta.

Aproveitamos as mesas disponíveis no pátio aberto da escola para sentar em grupo e jogar baralho e dominó, outro acomodaram-se no chão. Os estudantes que sabiam jogar, ensinaram aos demais. “Cada um pega sete pedras, quem estiver com a pedra seis pode iniciar o jogo, essas que sobraram é o morto”. Naquela aula apenas circulei entre os grupos e tomei nota dos comentários e dúvidas.



Na semana seguinte, em sala, pedi que explicassem as regras do dominó que conheciam. Todas foram escritas na lousa. Em seguida, retomamos o jogo ali mesmo. Enquanto passava nos grupos, perguntava: “quem sabe contar as pedras? Por que ela bateu a pedrinha no chão? O que isso quer dizer?” Alguém explicou que bater a pedra na mesa significa que o jogador está apenas com uma pedra e a qualquer momento pode ganhar a partida. Também detalharam o que significa duque de terno, sena e quina, dobra etc.

Após jogar dominó por alguns dias, solicitei aos estudantes que descrevessem como os jogos acontecem no boteco que conhecem. Uma garota levantou a mão e disse que na rua dela as pessoas jogam dominó, cartas (21) e jogo de bilhar, escutam forró, comem porções de batata frita, tomam cerveja, pinga e passam o dia todo ali.

Surgiu a ideia de “reproduzir” o ambiente no salão de jogos da escola. Preparei a mesa de sinuca, as mesas com os outros jogos, a caixa de som, perguntei qual forró apreciavam e passamos a aula inteira ouvindo Luiz Gonzaga, cantando e jogando sinuca, dominó e baralho.



A estudante Ana ensinou os colegas e explicou algumas regras da sinuca. Mostrou como organizar as bolas na mesa, perguntou se o jogo seria em duplas ou individual. Os meninos ficaram em volta observando o que a colega dizia, ao mesmo tempo que jogavam.

Ana convidou um amigo para uma partida. Ganhou do primeiro, ganhou do segundo, ganhou do terceiro e na quarta vez fez um colega passar por baixo da mesa. A turma caiu na risada. Perguntei-lhe por que fizera aquilo. Ana respondeu que quem perde de lambreta, tem de passar por baixo da mesa. “E o que é perder de lambreta?” “É perder sem matar uma bola do adversário”. Todo sem jeito, o garoto disse: “não tem graça, a Ana ganha de todo mundo”.

Na aula seguinte, em sala, pedi à turma que lembrasse das regras da sinuca. Também expus o resultado da pesquisa que havia feito na internet. O que permitiu entender que sinuca é um tipo de bilhar. Além daquele que há na escola cujas bolas possuem duas cores, há jogos com bolas numeradas de 1 a 8, jogos com três bolas apenas etc.

Quando tomou conhecimento do que o 6º ano estava estudando, o assistente de direção comentou que gostava de jogar sinuca e cartas. Gildo é morador do bairro e conhece bem a localidade. Convidei-o a participara das aulas, se quisesse. Ele comentou que poderia trazer um material da sinuca após conversar com um amigo que é dono de bar.

No dia combinado para o encontro, pedi ao colega que descrevesse sua trajetória profissional e a experiência como morador do bairro e jogador de sinuca. Gildo explicou à turma que exerce a função de assistente de direção, mas é professor de matemática e leciona em outra escola. Disse que reside no bairro há trinta e cinco anos e frequenta os bares da região desde pequeno. Os estudantes quiseram saber quais os jogos ele mais gosta, se já ganhou dinheiro e com quem aprendeu a jogar. O entrevistado destacou que adora jogar sinuca e truco, que as apostas variam muito de acordo com o recinto em que o jogo acontece e, às vezes, as competições de truco envolvem dinheiro. Na sinuca pode-se jogar por lazer, valendo cerveja ou quem perde paga a ficha.

Gildo desenhou na lousa algumas jogadas que foram experimentadas pela turma na sequência.



O material que ele trouxe facilitou o entendimento das diferenças dos jogos.



Os estudantes acessaram vários conhecimentos sobre a sinuca. O colega ensinou a organizar as bolinhas e dar a tacada de saída, explicou que no taco precisa passar giz para não espirrar a tacada, que o giz branco é usado para passar na parte do taco que fica a mão de apoio e que o giz azul é usado para passar na ponta.

Anunciei que dedicaríamos as próximas aulas a estudar o carteadado. Pedi que se organizassem em grupos conforme os jogos que sabiam. Predominaram o 21 e o pife.

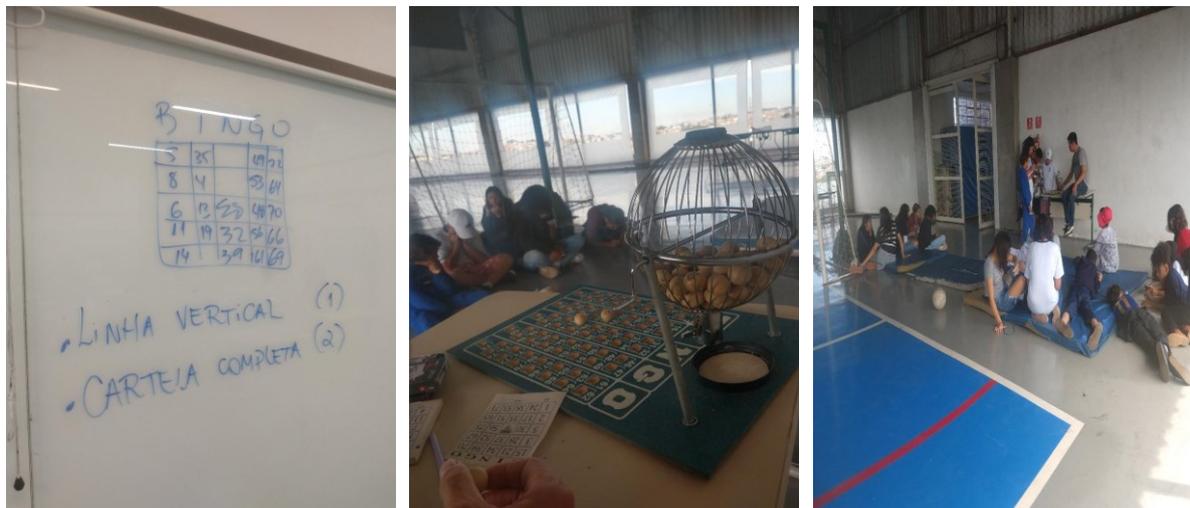


Passadas algumas partidas, solicitei que compartilhassem os elementos que fazem parte do universo dos jogos de carta. Uma estudante explicou como faz para embaralhar as cartas, a outra como faz para dar as cartas no jogo de pife, a outra explicou as regras do jogo 21. Também disseram que onde moram esses jogos envolvem apostas, seja em dinheiro ou bebidas alcoólicas.

Ao perceber o movimento de aproximação de alguns estudantes que não sabiam jogar e ao identificar uma certa dificuldade de entender o jogo, recorri a informações disponíveis na rede social Instagram. No começo da aula acessei a página dos jogos da Copag, projetei na lousa e fui explicando, essa escolha se deu, porque a empresa posta reels, entre outros, sobre as regras do jogo, as cores das cartas e as figuras do baralho.

As conversas davam a perceber que os jogos praticados nos botecos do bairro variam de acordo com gostos e desejos dos proprietários e da clientela. No bar da família da Ana, segundo ela, também se joga bingo e a premiação envolve utensílios domésticos.

Na aula seguinte, a estudante descreveu o funcionamento e as regras do bingo, enquanto eu anotava no quadro. Com o material disponível na escola e as cartelas que ela mesma trouxe, realizamos algumas rodadas.



Com o intuito de visitar um bar em que os jogos abordados eram praticados, juntamente com a coordenadora Michelle e o diretor Douglas, andamos pelas ruas do entorno da escola no horário de aulas. Encontramos apenas um boteco aberto, o Lebs Bar. O proprietário nos recebeu com maior carinho, explicou que estava de portas abertas e que o bar organiza aos finais de semana jogos de bingo. Explicou também que é formado em administração de empresas.

No final da tarde, saí para mais uma pesquisa no bairro, desta vez, sozinho. No bar do Carlos presenciei pessoas jogando cacheta, apresentei-me e disse quais eram minhas intenções. Embora alguns olhares se mostrassem desconfiados, um senhor muito gentil ofereceu-se para abrir o seu bar para visitação dos estudantes. O Sr. Zé Mole, como é conhecido, é responsável pelo bar da associação de moradores localizado na Praça do Letícia. No estabelecimento se joga sinuca, caça níqueis e bicho.

Em outro bar avistei uma mesa de pebolim e vi uma oportunidade para os alunos e alunas travarem contato com um jogo de boteco impraticável na escola devido à ausência da mesa. Ao entrar no estabelecimento me apresentei ao proprietário, expliquei o trabalho, mostrei fotos, mas ele não quis saber de conversa.

Numa reunião formativa na Secretaria Municipal de Educação comentei que estávamos estudando os jogos de boteco. O assunto chegou aos ouvidos do diretor do programa “Boas Práticas” da TV Cultura que me procurou para saber mais. Combinamos que uma equipe

poderia fazer gravações na escola e, se quisessem, acompanhar a saída pedagógica agendada aos bares do bairro.



Durante a visita, nossos anfitriões contarem suas histórias de vida, falaram sobre os jogos e as disputas. O Sr. Zé é aposentado, mas trabalha há dezesseis anos no bar da associação de moradores, onde há uma mesa de sinuca e as pessoas jogam por diversão, apostam dinheiro ou o pagamento da ficha. Ele disse que poderia ir à escola ensinar a jogar cartas. No Lebs Bar, o proprietário (Leandro) organiza o bingo aos finais de semana. Durante a semana joga-se cartas e dominó, desde que haja consumo.

Na data combinada, o Sr. Zé estava bem à vontade, pois é morador antigo do bairro e a maioria da turma o conhecem. Após uma explicação sobre as regras, organizamos as mesas e os estudantes jogaram cacheta.



O Sr. Zé relatou que as partidas de cacheta no bar geralmente acontecem valendo dinheiro. Cada rodada tem a premiação de vinte reais. O dono do bar geralmente cobra uma taxa de cinco reais por partida.

Após o encontro fui levar o Sr. Zé em casa e com um pouco mais de liberdade perguntei se ali no bar se praticava outro tipo de jogo. Durante a conversa ele me explicou que tinha máquina de caça níqueis e jogo do bicho dentro do bar e que se eu quisesse poderia levar a turma para conhecer ou poderia pegar a maquininha do jogo do bicho e levar na escola para mostrar para os estudantes.

Radiante com a possibilidade, conversei com a coordenadora sobre a visita e ela me deixou à vontade para fazer meu trabalho. Pedi que avisasse o diretor porque, segundo ela, precisava evitar qualquer mal-estar com o responsável da unidade. No dia seguinte ela me procurou e meio sem jeito para avisar que ele não permitiu a entrada desse jogo na escola, questionei a decisão com ela que entende o trabalho. Segundo ele, poderia gerar algum tipo de denúncia. Antes de terminar, sugeri que eu fosse conversar e tentar mudar a decisão.

Fui para casa indignado e fiquei pensando em como lidar com a situação. Ao pensar sobre o assunto e refletir com a minha companheira Bruna, que também é professora da rede municipal, o questionamento foi: na escola não se fala de drogas e aborto? E não é proibido?

Percebi que o diretor estava meio que me evitando e, diante dessa atitude, fiquei pensando em outra ação, mesmo porque, quando o pessoal da TV Cultura esteve na escola, todos foram entrevistados e postaram fotos nas redes sociais, então tomei uma decisão: confirmei com o Sr. Zé a conversa com o 6º ano sobre o jogo do bicho.





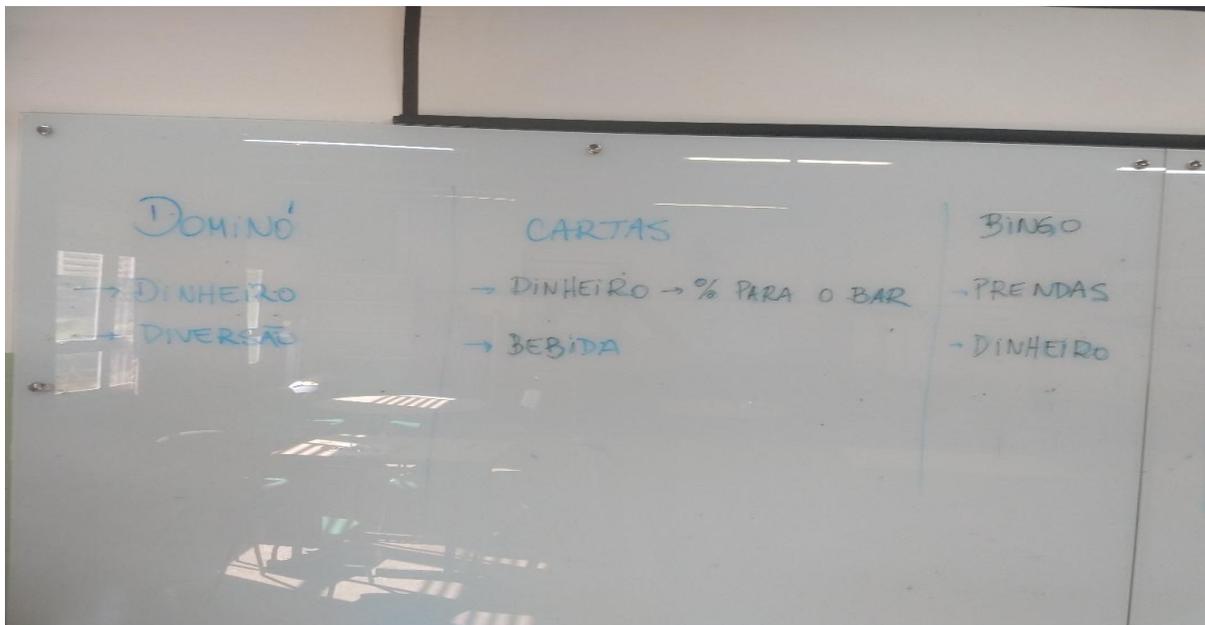
Para facilitar a compreensão, projetei a tabela do jogo na lousa e eles explicaram as diferentes possibilidades de apostas. Após a explicação, pedi para a turma pensar em duas apostas, paguei com os dois reais que tinha no bolso.

Sem perder tempo, o Sr. Arnaldo apresentou o funcionamento do jogo de palitinho. Pegou uma caixa de fósforo do bolso, separou quatro palitos, quebrou eles em duas partes, chamou o Sr. Zé e explicou as regras, além de contar que já ganhou muito pedaço de queijo e dinheiro com esse jogo.

Depois de jogar com o Sr. Zé narrando o que acontecia em voz alta, o Sr. Arnaldo convidou alguns estudantes a experimentarem. Algumas pessoas que resistiram ao carteadado e dominó se aproximaram do palitinho e do jogo do bicho.



Num encontro posterior organizei uma tabela na lousa para diferenciar os jogos estudados. Inesperadamente, um menino que até então nada dissera, afirmou: “professor, meu avô tem um bar e agora consigo entender esses jogos”.



Na sala de informática, organizamos grupos de três ou quatro estudantes para pesquisar mais informações a respeito dos jogos de cacheta, 21, pife, sinuca, bingo, bicho e palitinho. Um dos grupos sugeriu buscar informações sobre o bairro que vivem e outro sobre a história do bar. Julguei interessante esses olhares para o trabalho. Um dos estudantes leu num site que o jogo surgiu porque as pessoas precisavam de dinheiro para manter um zoológico. Para tanto, realizaram uma rifa. Outras curiosidades foram acessadas e compartilhadas.



Naquela semana, uma funcionária da escola, a Bruna, perguntou porque eu não levei a turma para conhecer um bar que tem pebolim ali no bairro, o bar do B. J. Respondi que havia feito contato, mas o proprietário não quis saber de conversa. Ela disse que o conhecia desde pequena e resolveria isso no próximo fim de semana.

Dias depois ela disse que o bar estava liberado para a turma ir no período que quisesse, só pediu para avisar com antecedência. Falei com a coordenadora e enviamos as autorizações para os responsáveis. A saída seria feita a pé, o bar está localizado na mesma rua da escola. A Bruna, além de intermediado a saída pedagógica, ainda nos ajudou acompanhando a turma pelo trajeto.



Durante o encontro, o Sr. B. J. explicou que tem aquele bar há trinta e cinco anos. Já trabalhou em outros empregos e que antigamente só abria aos finais de semana. Fora o jogo do bicho e o caça níquel que envolvem apostas em dinheiro, o pebolim se joga apenas por diversão.

Após o retorno decidi pensar em uma atividade de criação. Pedi para a turma escolher um jogo dentre os estudados para pensar em uma outra maneira de realizá-lo dentro da escola. A escolha foi pelo bingo. Combinamos o que cada uma poderia trazer como prêmio. Os

estudantes trouxeram doces, bolinhas, pipas e dinheiro. Esse momento foi interessante porque permitiu que um dos estudantes, recém-chegado à escola, pudesse participar ativamente.

